

São Paulo vai dar força aos pólos setoriais

Para diretor da Fiesp, alternativa contribui para ganhos de produtividade

PAULA PULITI

A criação de arranjos produtivos locais (APLs), pólos setoriais conhecidos também chamados de clusters, como um importante caminho para o desenvolvimento industrial, sobretudo para pequenas empresas, foi o tema dominante no 2.º Congresso da Indústria Paulista. Tanto representantes do setor privado quanto do poder público defenderam o seu desenvolvimento.

“O Congresso foi formatado para estimular a reflexão sobre as cadeias produtivas paulistas e examinar as necessidades de apoio das concentrações industriais no Estado”, disse o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horacio Lafer Piva.

Levantamento feito pela Fiesp há três anos mostra que existem no Estado 550 concentrações produtivas, ou seja, empresas pequenas que fabricam produtos do mesmo

segmento e na mesma região.

As cidades de Tambaú e Vargem Grande do Sul, por exemplo, têm concentração de fábricas de cerâmica. Marília reúne fabricantes de ali-



Linha de produção de biscoitos em Marília, um dos exemplos de arranjo produtivo local no Estado

mentos e Laranjal Paulista abriga indústrias de móveis.

Transformar uma concentração geográfica de empresas em um APL, no entanto, não acontece de forma natural e exige mobilização. Além da própria característica geográfica e produtiva, são necessários “interação de agentes locais, projetos comuns, instituições coordenadoras e ações de longo prazo”, disse a professora Maria Carolina Sou-

za, da Unicamp, autora do trabalho “Região Metropolitana de Campinas/Eixo Anhangüera/Bandeirantes”, apresentado no Congresso.

“Os resultados que busca-

mos são ganhos de competitividade”, disse Mario Bernardini, diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp, responsável pelo programa de APLs da entidade. Segundo ele, as pequenas empresas, que compõem 75% dos associados do sistema Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), estão excluídas das políticas públicas, como o acesso a créditos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ou a programas de financiamento tecnológico da Finep. Para a Fiesp, os APLs, têm justamente o papel de ajudar no acesso aos programas públicos. “Indivualmente, é muito difícil para as empresas”, completa.

Em sua participação no Congresso, o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Fur-

lan, anunciou que o governo está lançando um programa de estímulo aos APLs. Cerca de 20 órgãos públicos e privados trabalham juntos para elaborar uma metodologia única para o segmento. Faz parte da estratégia a realização de um encontro em 2 de agosto, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, voltado para a discussão dos arranjos e a criação de uma oficina latino-americana de APLs.

Segundo Furlan, as exportações das pequenas empresas alcançaram US\$ 1,8 bilhão este ano, 30% acima do ano passado. “Ainda assim, apenas 10 mil empresas exportam, de um universo de 4 milhões de pequenas.” O presidente do BNDES, Carlos Lessa, disse que vai apoiar as APLs.

BNDES E
GOVERNO
PROMETEM
APOIO